

# O Retábulo-mor da Catedral Metropolitana de Campinas (SP) – Patrimônio, Memória Local e Perspectivas Pós-coloniais

**Palavras-Chave:** Retábulo-mor, Vitoriano dos Anjos, Protagonismo

**Autores(as):**

**Catarina Bomfim Farha, IFCH - UNICAMP**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Dalcanale Meneses, IFCH – UNICAMP**

---

## INTRODUÇÃO:

Um dos momentos mais marcantes da História de Campinas está na construção de uma Nova Matriz para a Catedral Nossa Senhora da Conceição, que data de 1774. A construção em taipa de pilão é um complexo cultural e religioso importante para a cidade pois marca seu desenvolvimento e ajuda a explicar, também, as dinâmicas sociais da época da sua construção. Seu interior guarda o Retábulo-mor, considerado uma obra prima da talha brasileira, referenciado por diversas literaturas que citam sua grandeza e imponência. O artista responsável pela realização da obra, Vitoriano dos Anjos Figueiroa, apesar de ocasionalmente citado, não tem o mesmo relevo que sua obra na memória histórica da cidade. A imponente peça entalhada foi realizada entre 1854 e 1862 e é necessário analisá-la para além de seus atributos artísticos, mas também pela sua presença solar dentro da história, seu sentido patrimonial e as visões e discursos empreendidos sobre esse no período que foi fabricado até sua permanência na atualidade, buscando demonstrar como podemos salientar narrativas à uma obra de arte, considerando não só o ponto de vista apenas dela, mas do artista por ela, inserido dentro de um contexto histórico-cultural, pois mesmo com fatores intrínsecos, a forma que a obra será visualizada poderá modificar sua narrativa e suas permanências, a depender do contexto e dos conhecimentos “primários” incrustados nela, observados durante determinado contato realizado.

Nesse sentido, para além da guarda da sua memória, é importante evidenciar as dinâmicas historiográficas possíveis dentro da análise de uma obra. No caso do Retábulo, o pouco relevo dado à informação sobre o artista ser negro, salienta um apagamento, mesmo que inconsciente, trazendo à tona discussões a respeito do protagonismo negro – ou de seu “não-protagonismo”. Diante do fato que o Brasil tem uma herança escravocrata e que o Retábulo foi construído entre 1854 e 1862, é importante demonstrarmos a importância e evidenciar pessoas negras como sujeitos de sua própria história,

demonstrando sua contribuição, como forma de valorização e de dando voz àqueles que por muito tempo foram silenciados.

## **METODOLOGIA:**

O primeiro passo para a realização da pesquisa foi traçar uma linha cronológica de publicações que discutiam o Retábulo-mor da Catedral Metropolitana de Campinas “Nossa Senhora da Conceição” e, por conseguinte, seu artista, Vitoriano dos Anjos Figueiroa. A bibliografia analisada segue a linha do tempo dos movimentos historiográficos e apresenta elementos de cada período da produção científica na área da Arte e da própria História, sendo possível compreender as narrativas imbuídas ao Retábulo-mor, trazendo uma compreensão do processo de construção histórica sob o objeto e seu artista, analisando quais elementos foram evidenciados e quais foram silenciados.

Essa cronologia destaca como o artista é representado na historiografia. Há dois momentos entre um grande vazio sobre a negritude de Vitoriano dos Anjos, onde ele é de vez em quando mencionado nominalmente, mas sem nenhuma análise ou comentário: o primórdio, que ocorre no final do século XIX e início do século XX, baseado em ideais eugenistas e na identificação do Outro, como demonstrado nas publicações de Afonso Lomonaco (1889) e Nina Rodrigues (1904) e o fim, mais contemporâneo, marcado pelo processo de redemocratização e pela escrita da história das minorias, na década de 80 até os dias atuais, citando Emanuel Araújo (1988) e Luis Freire (2006 e 2008), que buscaram resgatar a figura do artista, inclusive na sua identidade negra. O que podemos esperar da nova onda historiográfica decolonial, levando em consideração a busca por fugir das amarras colocadas pelo sistema colonial e seus desdobramentos?

Utilizou-se como método também, a análise descritiva documental através da separação de fontes de formatos diversos - como recortes de jornais, filetes e imagens – que se encontravam em sua grande maioria nas coleções de Jolumá Brito e João Falchi Trinca, pertencentes ao Centro de Memória Unicamp.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Diante da cronologia historiográfica traçada com as obras que citam o Retábulo-mor e, em conseguinte, seu artista, é possível discernir que a presença do dado de ele ser negro aparece em dois grandes momentos da historiografia para uma História Social e das Minorias. A primeira, no final do século XIX e início do século XX, é marcada pelas produções acadêmicas que envolvem: a abolição da escravidão no Brasil, a teoria do darwinismo social, o projeto de embranquecimento da população e o estudo do Negro como uma “raça”. Apesar do norteamento com bases eugenistas, nota-se o interesse dos estudiosos em buscar conhecimento a respeito das pessoas negras, no Estudo do Outro.

O segundo momento, no final da década de 80, é onde a historiografia foge das centralidades políticas e econômicas – influenciadas pelo positivismo – e começa a buscar novos horizontes históricos. Para além disso, o

Brasil passava pelo processo de redemocratização e buscava, a partir da História, inserir o protagonismo das “minorias”, onde entra o avanço nos estudos sobre a população negra, sua cultura, seu passado e sua permanência. Nesse sentido, é possível associar uma crescente busca por evidenciar trajetórias antes silenciadas, escondidas nas ruínas do tempo, e um novo olhar para Vitoriano dos Anjos e sua presença solar como um protagonista de sua própria história.

O que se pode esperar da nova onda historiográfica que vivenciamos no século XXI? Uma perspectiva “pós-colonial”? Um estudo do meio? Um enfoque no artista como um protagonista e não apenas como um meio para o “principal” que seria a obra de arte? Uma resposta possível para um novo olhar historiográfico/museológico como forma de combate ao apagamento e a inserção das minorias como coadjuvantes está no decolonialismo. Tal corrente urge no final da década de 90, com protagonismo das pesquisas realizadas por Aníbal Quijano.

Dentro do percurso da construção do conhecimento histórico, muitos dilemas são encontrados e caminhos são escolhidos. Na realidade, é o próprio presente que determina o passado, com base nas narrativas que são imbuídas aos fatos históricos, onde conforme determinada sociedade, cultura e influências, o passado se altera, pois considera-o aqui como algo mutável, sujeito a se modificar e se reconstruir com base no que o próprio presente determina como narrativa. Nesse sentido, ao construir uma narrativa decolonial sobre Vitoriano dos Anjos e sua obra-prima, o Retábulo-mor, busca-se ir além da ideia de uma história baseada em múltiplos silêncios, mas sim entender e visualizar a relação paradoxal que envolve os sujeitos silenciados, tirando-os o estatuto de objetos da historiografia e passando a enxergá-los como produtores de História. O conceito de decolonialidade aparece na busca por uma reescrita historiográfica focada no reconhecimento e na reparação histórica como forma de luta das estruturas do colonialismo que ainda se mantém dentro da constituição moral, social, econômica e política da sociedade brasileira.

Assim, entende-se que o Retábulo-mor, assim como outras obras de arte, apresenta diversos elementos que se unem e transformam-se em narrativas que podem apresentar vieses diversos. Buscando interpretar tais elementos e narrativas a partir de um ponto de vista decolonial, têm-se que a imponente peça talhada em cedro vermelho envernizado – sem ornamentos dourados – e que se adentra nos estilos barroco e neoclássico brasileiro, tendo sua construção datada no intervalo entre 1854 e 1862, é considerada um expoente da linha artística retabilística baiana de elementos baldaquino arrematado por cúpula vazada sobre volutas que foi transmitido em São Paulo.

O artista responsável por essa obra, Vitoriano dos Anjos Figueiroa, também foi um entalhador baiano que realizou diversas obras em sua terra natal, tendo sido descoberta recentemente a sua autoria no retábulo da capela da Igreja Matriz Santíssimo Coração de Jesus, em Valença – BA. Apesar das grandes menções à Vitoriano e a valorização do seu trabalho, há um ponto importante sobre ele que se tornou pouco conhecido com o passar dos anos: Vitoriano era negro, sendo mencionado como “mulato baiano” e “preto mestiço”, por exemplo. Dessa forma, o decolonialismo adentra a trajetória de Vitoriano dos Anjos na medida em que busca evidenciar sua agência e, em consonante, revitaliza sua memória como uma figura importante e de destaque para a cidade de Campinas. A noção de memória como compartilhamento de representações sociais se adentra nessa discussão quando se compreende que o objetivo de reavivar a história de Vitoriano dos Anjos Figueiroa está em “dizer que não é tanto o passado,

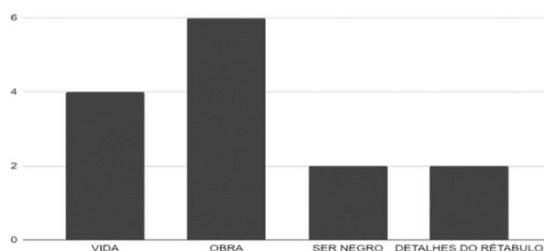
esse da memória retrograda ou do sentimento nostálgico, que mais interessaria e sim o uso desse passado na construção do futuro.”.

Os estudos mais recentes na área de neurobiologia demonstram que o mesmo mecanismo cerebral responsável pela criação da memória (do passado) está relacionado à expectativa do futuro; assim, as experiências vividas e acumuladas (a memória) estão vinculadas ao presente, como meio de compreensão (como chegamos até aqui?), e também ao futuro, como forma de avanço, expectativa e consciência. Nesse sentido, buscando um presente-futuro respaldado pela presença de uma reescrita histórica que apresente um protagonismo de minorias antes silenciadas, entende-se que uma forma de projetar uma narrativa agenciadora de Vitoriano dos Anjos Figueiroa estaria em tornar o acesso à essa facilitado para a comunidade que vivencia sua vida e obra, seja ao se deparar com o nome de rua dedicado ao artista na cidade de Campinas, seja compreendendo as dimensões que permeiam o Retábulo-mor da Catedral Metropolitana de Campinas.

## CONCLUSÕES:

Diante da análise do gráfico abaixo, é possível perceber que os textos analisados estão centrados, em sua maioria na obra de Vitoriano dos Anjos, e pouco na sua vida ou até em detalhes sobre a construção do Retábulo-mor. Tal dado vai de encontro à ideia de analisar o contexto de produção de uma peça que se coloca como tão importante para a Cidade de Campinas.

**Gráfico 1:** Análise da Bibliografia sobre as menções à Vitoriano dos Anjos Figueiroa:



Ao construir uma narrativa decolonial sobre Vitoriano dos Anjos e sua obra-prima, o Retábulo-mor, buscase ir além da ideia de uma história baseada em múltiplos silêncios, mas sim entender e visualizar a relação paradoxal que envolve os sujeitos silenciados, tirando-os o estatuto de objetos da historiografia e passando a enxergá-los como produtores de História. O conceito de decolonialidade aparece na busca por uma reescrita historiográfica focada no reconhecimento e na reparação histórica como forma de luta das estruturas do colonialismo que ainda se mantém dentro da constituição moral, social, econômica e política da sociedade brasileira.

Assim, entende-se que o Retábulo-mor, assim como outras obras de arte, apresenta diversos elementos que se unem e transformam-se em narrativas que podem apresentar vieses diversos. Buscando interpretar tais elementos e narrativas a partir de um ponto de vista decolonial, têm-se que a imponente peça talhada em cedro vermelho envernizado – sem ornamentos dourados – e que se adentra nos estilos barroco e neoclássico brasileiro, tendo sua

construção datada no intervalo entre 1854 e 1862, é considerada um expoente da linha artística retabilística baiana de elementos baldaquino arrematado por cúpula vazada sobre volutas que foi transmitido em São Paulo.

De forma conclusiva, entende-se que diante de todas as divergências nas fontes bibliográficas, os apagamentos ou não de determinadas informações sobre Vitoriano dos Anjos Figueiroa e também sua obra-prima, o Retábulo-mor da Matriz Nova de Campinas, pode-se dizer que o que fica evidente ao longo de sua trajetória é seu protagonismo e sua resistência. Ainda que existam fontes que mencionem o fim de sua vida na miséria, essa é marcada por idas e vindas, trabalhos ilustres bem elogiados e, de uma forma ou de outra, de resistência.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ARAUJO, Emanuel (org.). *A Mão Afro-Brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo: 1ª. Ed. Tenenge, 1988, pp. 46-50.
- BARRANTES, P. E. de M. *Da taipa ao concreto armado: o acervo da Catedral Nossa Senhora da Conceição de Campinas*. Chiado, 2015.
- (A) CATEDRAL de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade e da diocese de Campinas: obra de 1942. [s. l.]: Câmara Municipal de Campinas. Comissão de Direitos Humanos e Cidadania, 2007.
- DE OLIVEIRA, Maria da Glória. Quando será o decolonial? *Colonialidade, reparação histórica e politização do tempo*. *Caminhos da História*, v. 27, n. 2, p. 58-78, 2022.
- FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Políticas da memória e políticas do esquecimento. *Aurora.*, n. 10, p. 102-102, 2011.
- FREIRE, L. A. R. *A talha neoclássica na Bahia*. Odebrecht, 2006.
- \_\_\_\_\_. Vitoriano dos Anjos Figueiroa, o Altar-mor da Sé de Campinas e a tradição retabilística baiana. *Varia Historia*, v. 24, p. 445-464, 2008.
- LEITE FILHO, R. *Catedral Metropolitana de Campinas: um templo e sua história = a temple and its history*. Tradução: David Coles. Komedi, 2004.
- LOMONACO, A. *Al Brasile*. [s. l.]: Leonardo Vallardi, 1889.
- MENEZES NETO, Hélio Santos. *Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira*. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 Edições. 2018
- RODRIGUES, Nina. *Bellas Artes dos Colonos Pretos*. In: Rodrigues N. *Os africanos no Brasil*, 7ª edição. São Paulo: UnB, 1988.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnole. *Cartas de Campinas, abril de 1865* In: Odilon Matos, *Notícia Bibliográfica e Histórica*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1993, p.114.
- ZALUAR, A. E. *Peregrinação pela província de São Paulo: 1860-1861*. [s. l.]: Martins, 1952.